

As potencialidades destes projectos em redes de Economia Solidária

Os temas da **Economia Solidária** e da **Soberania Alimentar** abrem esta iniciativa das Hortas Urbanas por serem o fio condutor do modelo de Comércio Justo adoptado pela Mó de Vida, e desenvolvido pela "Rede Espaço por um Comércio Justo". Sendo assim, estão na base de qualquer outra actividade que seja levada a cabo pela organização.

O conceito da Economia Solidária é complexo e sujeito a diferentes interpretações. Entretanto, o modelo que queremos ressaltar é o das experiências de carácter transformador em relação ao actual modelo de desenvolvimento ou "não desenvolvimento" que hoje vivemos, com base numa economia neoliberal que tem em conta o mercado e a concentração da riqueza, com todos os seus impactos negativos na vertente social, ambiental, cultural e da ausência dos valores da cooperação e do bem-estar do colectivo.

Por esta razão, chamamos a tenção para as experiências de Economia Solidária que estão a desenvolver-se com mais intensidade na América Latina, cujo objectivo é transformar a realidade e o sujeito da acção, ou seja, perspectivar a transformação pessoal, social e comunitária, tendo em conta a valorização do indivíduo e do colectivo onde está inserido.

Tendo em conta o grupo heterogéneo que hoje participa nesta Mesa Redonda, optou-se por não apresentar estudos de caso, mas fazer uma breve apresentação dos aspectos transversais identificados nos estudos de caso pesquisados, que têm em conta as Hortas Urbanas desenvolvidas numa perspectiva da Economia Solidária.

Há experiências implementadas em termos de hortas domiciliárias, comunitárias, escolares e institucionais. Entretanto, vamos aqui destacar as iniciativas das hortas domésticas e das comunitárias:

Actores Envolvidos:

Tem sido um trabalho de mobilização conjunta dos diversos actores, envolvendo o poder público, o meio académico e a sociedade civil (nomeadamente ONGs e comunidades), sem o qual não teria sido possível levar a cabo estas experiências.

Missão

- a) As HU têm sido um factor de inclusão social de famílias de baixa renda ou sem renda, em situação de risco;
- b) Têm contribuído para a requalificação dos hábitos alimentares face ao baixo consumo de hortaliças por parte da população;
- c) Reconversão dos terrenos: As famílias são incentivadas a cultivar hortas nos seus quintais, possibilitando também, em alguns casos, a geração de renda a partir dos excedentes produzidos;
- d) Não se trata apenas de uma mera transmissão de conhecimentos técnicos e capacitação. É um processo interactivo de aprendizagem entre todos os parceiros envolvidos;
- e) A partir das experiências implementadas formar um número crescente de empreendimentos solidários, tendo como base nos valores da democracia, a liberdade, a justiça social e a igualdade.

Metodologia

a) Critérios de selecção: identificação das famílias em situação de exclusão social, do mercado de trabalho e que, de forma geral, são assistidas por programas de serviço social;

b) A utilização da metodologia pesquisa-acção participante que pressupõe a existência de sujeitos participantes, com capacidade para transformar as suas próprias relações sociais, desenvolver a consciência, a capacidade crítica e a identificação com um processo de construção em que eles próprios são agentes e participantes;

c) Para tal, é imprescindível a implementação das técnicas de planeamento participativo, com dinâmicas de reuniões, exercícios teórico-práticos e jogos.

Neste sentido, é importante ressaltar que algumas organizações da sociedade civil, com interesse em aprimorar o trabalho popular, desenvolveram métodos de planeamento participativo para trabalhos em grupo com comunidades, órgãos de gestão, movimentos sociais, etc., de modo a promover: a intervenção de todos; decisão partilhada; consciencialização do grupo e a acção descentralizada.

Por outro lado, através dos métodos andragógicos utilizados – contrários aos pedagógicos, que têm o professor como o centro de transmissão do conhecimento - contempla-se o saber popular como detentor de conhecimentos imprescindíveis para a elaboração do trabalho.

1ª - O autodiagnóstico

É o momento em que se trabalha a educação popular, a educação ambiental; em que se dá a descodificação a realidade e do processo histórico (o porque da pobreza e da exclusão social);

Também são identificadas as necessidades individuais e do colectivo.

São trabalhados os valores da Economia Solidária, como a cooperação, solidariedade, democracia, igualdade.

Constrói-se a consciência crítica.

2ª- Criação de um projecto próprio

Nesta fase propõem-se as soluções a partir do que foi detectado no autodiagnóstico. Visa a possibilidade de transformar a realidade do ponto de vista social, pessoal e comunitário.

O processo de codificação e descodificação leva o indivíduo a perceber que ele é parte integrante da realidade e o reflexo das acções de todos. Nesta etapa é trabalhada a necessidade de autonomia para a sustentabilidade das hortas comunitárias.

3ª - Descobrimto da necessidade de se organizar

Nesta fase consolida-se a necessidade de organização para atingir os objectivos. Que tipo de organização? De que forma será levado a cabo o projecto?

4ª- Implementação do projecto

Tem em conta o seguinte historial:

- a) O envolvimento do público-alvo desde o princípio e o sentimento de pertença do espaço;
- b) O desenvolvimento da capacidade de cooperação com base na consciência do grupo, partilha de responsabilidades e valorização das diferentes capacidades, criando uma dinâmica de bem-estar comunitária e solidária.

- c) Apoio do poder público relativamente à aquisição de máquinas e implementos agrícolas, quer no fomento às doações quer com apoio financeiro
- d) Capacitação: são abordados temas como a importância da horta para a comunidade; métodos e técnicas de produção que contam na escolha das espécies com base na diversificação das culturas; gestão contábil e financeira
- e) O acompanhamento através da acessoria na divisão de tarefas; do processo de colocação dos produtos no mercado; elaboração de cursos e palestras para os participantes; produção de relatórios que apontem a trajectória do grupo com avanços, dificuldades e acções futuras.

Resultados

- a) Algumas famílias desejaram passar de um projecto domiciliário/individual ao trabalho colectivo, das hortas comunitárias;
- b) Produção primeiramente destinada ao autoconsumo e geração de renda para algumas famílias, com os excedentes da produção;
- c) Aumento do consumo de hortaliças na dieta; com baixo custo na produção e acesso aos alimentos de qualidade facilitados;
- d) Diversificação das culturas e da alimentação, com o controlo ou eliminação dos químicos;
- e) Reconversão dos quintais e outros espaços degradados;
- f) Melhoria da auto-estima, com a valorização do indivíduo no colectivo; o sentimento de pertença do projecto e a partilha dos benefícios;
- g) Dos avanços relativamente a opção por projectos comunitários verificou-se o seguinte:
 - Formação de grupos de trabalho;
 - Consciencialização dos benefícios do trabalho comunitário, com os resultados repartidos conforme às horas de trabalho e a dedicação de cada um, implicando a necessidade do controlo das horas trabalhadas;
 - Compromisso com as tomadas de decisões em grupo e em consenso;
 - Sentimento de pertença do espaço construído e gerido pelo grupo;
 - Redução dos custos dos transportes, eliminando-o nas fases de produção e comercialização, com os circuitos curtos/de proximidade;
 - Busca da autonomia dos projectos;
 - A criação de cooperativas populares, incentivando a população a melhorar as condições de vida não só das famílias, mas da comunidade local.

Finalmente, é importante ressaltar que este tipo de projecto, com base na Economia Solidária, busca assegurar uma opção contra os valores dominantes da competição individual e da primazia do capital sobre o trabalho.

Garante um processo de aprendizagem colectiva que viabiliza as actividades económicas ou o empreendimento antes mesmo que este venha a concretizar-se.